

ESTUDO DE CASO 3

Entrevista com Marta Relvas

Em recente entrevista, realizada para o desenvolvimento desta pesquisa, a bióloga e educador, Marta Relvas¹ narrou como vê a relação Design / Arte-Terapia, enquanto fundamento biológico na educação. A pesquisadora diz que precisamos perseguir a compreensão de que jamais poderíamos falar na biologia do cérebro e do ser humano como um todo, sem elaborar como a arte-terapia auxilia na criatividade do sujeito. Precisamos estar constantemente interagindo os dois hemisférios do cérebro, direito e esquerdo. Estamos mais acostumados, em nossa cultura ocidental, a trabalhar com o hemisfério esquerdo que é planejamento, organização. A arte-terapia colabora com o aspecto da *criatividade*, relacionada ao hemisfério direito, pois geralmente a escola não facilita a fluência da afetividade e a das múltiplas inteligências, as quais dizem respeito ao cuidado com as competências individuais para a aprendizagem, oposto à massificação no ensino-aprendizagem.

Para a educadora, um fator fundamental para a saúde mental do sujeito é o aspecto da sua emoção. E quando se fala em emoção trabalha-se a questão da *memória*. Pois não existe aprendizagem sem memória a qual perpassa pelo tema do **hipotálamo**, relacionado ao cérebro primitivo que nós temos.

Ou o cérebro da emoção, ainda não intelectualizado, não recorrente às funções mentais superiores, à razão. Retornamos assim ao homem natural que intuitivamente resgata o seu ciclo biológico e permite que suas células contem sua história: quando estávamos no ventre de nossas mães, nadávamos e depois, quando bebês rastejamos, como os répteis. Daí nossa identificação natural com os peixes e répteis, mesmo a nível inconsciente. O tema da memória celular caminha perpassa pelo ciclo evolutivo da vida, pelas séries de etapas biológicas. De acordo com a pesquisa do Dr. Wilson Ribeiro, psicanalista, (Ribeiro, Wilson. *As células tem Memória e Contam a sua história*. São Paulo / SP: MasterBook, 2002):

Rematerialização. Essa teoria consiste em afirmar que voltamos várias vezes à vida material, através do processo de transformação da matéria (corpo). O material que forma o nosso corpo vai para a terra e dela vem, num ciclo. Pela cadeia alimentar, o corpo retorna à terra em forma de adubo e volta a se manifestar através dos alimentos que são ingeridos pelo homem e vêm da terra; nesse material, está contida a memória celular, como herança informativa. Por aí vemos, que a vida é comunicação. (Ribeiro, 2002:13)

Desse modo, quando estamos em contato com a Grande natureza, torna-se mais fácil para nós resgatar a nossa essência, nosso ser natural, já que somos seres sensíveis impulsionados pelo sensorio-motor. Pode-se compreender Arte-terapia como facilitadora da emoção ao se propor a “mover os sentimentos”. E da razão, ao se favorecer a faculdade criticizante, pela elaboração dos vários elementos, internos e externos que constroem determinado objeto. Pensando-se um objeto como fruto de relações) TRAZER RIPPER

E emoção é um assunto de aprendizagem. O termo *emoção* não significa simplesmente “sentimentos” para Carl Gustav Jung, o criador da Psicologia Analítica (DATA E LOCAL) e sim um *turbilhão de sentimentos*. Portanto, Rivas nos remete à possibilidade da disciplina dos sentimentos, através de seu reconhecimento por dinâmicas de artes integradas, lúdicas que relacionem os sentidos do *visível* (os físicos) e do *invisível* (sentimentos, idéias), interagindo os hemisférios direito e esquerdo.

Esse movimento é contrário ao seu controle: esse modo apenas reprime as diversas reações aos acontecimentos externos, enquadrando-as como “uma sucessão de impressões sensoriais estáticas, ligadas associativamente por proximidade temporal na experiência” (Carvalho, Mello e Amorim, 1998:78). A noção de consciência é construída na interação constante com a realidade vivida, de acordo com William James e Henri Bergson. Todas as nossas percepções são relativas ao fazer e refletir, e não são produto de um processamento de dados, feito apenas a partir de funções orgânicas.

De acordo com Carvalho, Mello e Amorim, os pesquisadores James e Bergson, com seus estudos sobre a *intuição e o pragmatismo*, contribuíram para a fundamentação da *Gestalt* teoria ou Psicologia da Forma, originada na Alemanha e na Áustria e apresentada nos Estados Unidos antes da Segunda Guerra Mundial, como um contraponto à visão mecanicista sobre o ser humano, como se fosse uma máquina. Falam da necessidade de buscar coerência com a missão ou essência, a função e a forma que compõem um determinado objeto, podendo ser de natureza objetiva e portanto, externo ao nosso próprio organismo, ou subjetiva, como um sentimento, uma sensação, uma idéia que nos move numa determinada situação. É a corrente de psicologia que alicerça a Arte / Design.

A Arte-Terapia em minha pesquisa entra como atividade complementar pedagógica em horário extra, em parceria com o professor responsável por uma determinada disciplina, como a Matemática. É o que fiz no Colégio Estadual Ignácio Azevedo do Amaral e a proposta é trabalhar conteúdos que geralmente ocasionam resistência na aprendizagem, trabalhando-os de modo paradidático ou seja, abordando-os de modo lúdico, relacionando o afetivo (enquanto a atenção aos nossos sentimentos), o cognitivo e o psicomotor. O objetivo final é colaborar para a instalação de determinado conhecimento de acordo como o universo, a cultura do sujeito em questão, indo ao encontro de suas raízes. Seguindo o sentimento e a idéia sinalizados por Paulo Freire em sua obra *Educação como Prática de Liberdade (REF)* e perseguido por Madelena Freire: (...) *Só assim a busca do conhecimento não é preparação para nada, e sim para a VIDA, aqui e agora. E é vida que precisa ser resgatada pela escola*” (Freire, 1983:15 in GadottiI, 2004:65).

O Design e a Arte-Terapia se manifestam através da forma, vindo a suprir uma desfasagem na Educação do Ensino Básico, a atenção à instalação da disciplina Educação Artística, trazendo a memória evocada pelos diversos materiais e as formas influentes. Marta Relvas nos esclarece que entendemos conceitos pelo cérebro mas as mãos são os instrumentos que nos permitem essa apreensão. O ensino da Arte, teorica e praticamente, está bastante irregular, tanto na rede pública como em ótimas escolas da rede particular, com tecnologia de ponta.

Relvas diz que viemos de uma educação tradicionalmente linear que não nos facilita a reflexão sobre situações. A seu ver, as dinâmicas arte-terapêuticas vêm nos ajudar a corrigir essa ausência, no momento em que gera a sensibilidade e a intuição. Promove-se então a criatividade, característica do lado direito do cérebro, e exercita-se o lado esquerdo, pela racionalização dos passos, ou seja, a organização, o discernimento, a classificação dos elementos a fim de que o processo se instale nos sujeitos envolvidos.

Conforme o pensamento de Relvas, desenvolvemos os dois hemisférios cerebrais na atividade arte-terapêutica, através da *criatividade e da execução* as quais poderiam ser relacionadas aos temas da *intuição* e do *pragmatismo* descritos por Bérghson (ref a Matéria e memória) e da apreensão do conceito da práxis: praticar / teorizar, sempre presentificado pelo Professor Ripper. Marta Relvas presume que, através desse caminho, é destacado o contexto das complexidades de relacionamento humano sem se desprezar as questões de conteúdo, ao se determinar o tema, a linguagem, os materiais e as técnicas a serem aplicados. A educadora se indaga por que não se utiliza com mais frequência o lúdico, proposto também pelos jogos, em todos os níveis do ensino/aprendizagem, como a graduação e pós-graduação. Trabalhar muito mais essa questão do criar, do afeto e do permitir “o outro pensar”. Relvas acredita que na formação do professor geralmente, não se favorece essa situação. É preciso fazer com que o nosso educando pense, evocando o conceito de Jung que classifica o sentimento e a razão, como funções passíveis de elaboração. Que a Arte então seja a mediadora da razão, como igualmente nos demonstra ser possível o educador Carlos Cruz, professor de filosofia e eletrônica na rede pública do Estado do Rio de Janeiro 2 (Cruz, teólogo pelo Centro Universitário Bennett e representante do movimento do Johrei, como ministro de sua Igreja, é autor da obra A Filosofia de Mokiti Okada, ref.).

A origem etimológica da palavra arte é *fazer (ref)*, portanto nós temos que desenvolver nosso raciocínio através das mãos, usufruindo também do tato como nosso primeiro e maior sentido, já que a pele reveste todos os nossos órgãos e define qualidades de mensagens que chegam ao nosso cérebro, através dos terminais nervosos. Como a sensação de quente / frio, pequeno / grande,

lateralidade ou ocupação espacial. O tato e a visão favorecem a qualidade de um “sexto” sentido, o *a propriocepção* (ref livro prof. Maria do Carmo) que pode ser relacionada à função psíquica *intuição*, segundo Marta Relvas. Ou seja, dinamizam a minha percepção, fazendo-me prever os movimentos mais adequados à minha manutenção no espaço da realidade vivida. De modo íntegro para evitar o estado de entropia ou total desorganização, pela fragmentação de nossa estrutura psicofísica. Trata-se de um excessivo distanciamento do nosso eixo central. Essa afirmação está coerente com a *práxis* proposta por Jung, ao desenvolver o plano geral das funções psíquicas, indicando-as como polares ou complementares: sensação / intuição, sentimento / pensamento ou razão. (ref. Jung, o homem criativo)

O ser humano persegue a essência da forma, já que precisa do concreto para perceber-se no *aqui e agora*. Para nos compreendermos em determinada situação, precisamos fechar uma figura, a fim de nos apropriarmos do sentido de uma situação. O termo *Design* já nos sugere esse significado: o desenho indica, designa, permite-nos apropriar-nos de uma forma. Essa figura contém uma essência que se diz pelo movimento que ganha no plano, seja bidimensional ou tri, remetendo-nos à realidade vivida. É o pensamento de Wasily Kandinsky que buscava deslizar um mesmo objeto de uma linguagem como a musical para outra como a das artes visuais. Buscava a ressonância do mesmo elemento numa tradução de signos. (ponto e linha sobre o plano)

O traçado das diversas linhas, sejam retas, curvas, no modo figurativo ou abstrato já determinam uma orientação espacial: para a frente ou para trás, para a esquerda ou direita. Mostra-nos a expansão de um ponto em movimento, a origem da própria ação da pintura, segundo Kandinsky (ponto e linha sobre o plano). Sabendo que se trata de uma compreensão do momento que se ampliará em breve, recorrendo a elementos já vistos, para relacioná-los a novos. É a contribuição da *Gestalt* ou gestação da forma.

Compreendendo a percepção como a faculdade que promove o conhecimento pelos *sentidos e intuição*, vamos verificá-la nessa pesquisa, através de dois tipos qualidades presentes na *forma*: a) pela forma do *sensível*, resultante da atividade

sensorial (do gesto plástico ao cênico), b) pela forma do *mental*, decorrente do trabalho mental que leva à percepção das relações entre os objetos. Já que um objeto só existe pela relação entre os outros, como o Ripper costuma nos sinalizar em sua fala.

A primeira forma é introduzida pelas funções psíquicas *sensação* (movida pelos sentidos do tato, audição, visão, olfação e gustação) e *intuição*, as ditas irracionais pelo enfoque junguiano. A segunda, passa ao longo das funções psíquicas *pensamento e sentimento*, ou as racionais, também de acordo com a Psicologia Analítica.

A forma do sensível, trazida pelo *sensorial* e a forma do *mental* ao nos levar a refletir sobre as relações do objeto em questão, contextualiza-o. Ou seja, provoca a tradução de um mesmo objeto, delizando-o de uma linguagem para outra linguagem, a fim de que possamos apreendê-lo pelos vários sentidos, do visível (os físicos) ao invisível (os sentimentos, idéias). É o favorecimento da tradução intersemiótica apresentada por Jakobson, revista por Júlio Plaza em sua obra “Tradução Intersemiótica”, creditada no artigo de Vânia Osório (revista Transformações ed Pomar) como base para as dinâmicas arte-terapêuticas, já que essas buscam a integração dos sentidos do visível ou os físicos, com a do invisível ou os referentes às emoções e razões.

Relvas enfatiza que temos o cérebro para aprender mas a mão para executar; esse membro é uma ferramenta auxiliar, por excelência, no ensino-aprendizagem. O nosso corpo fala na presença da Arte por todos os aspectos. Marta acredita que é uma excelente idéia a proposta da Arte-Terapia na escola pois teremos sujeitos muito mais sensíveis, muito mais afetuosos que podem concretizar uma sociedade que todos buscamos, com uma educação planetária pela linguagem da Arte, mesmo que muitos ainda contestem o papel da Arte enquanto “linguagem” ou meio eficaz de comunicação.

Vamos tornar mais consistente a solidariedade, o olhar para o outro como realmente ele é, dentro de suas potencialidades, sem as cobranças que só fragmentam, ao determinar: “fulano é melhor em Matemática, é melhor em Português...”. Enfim, a arte-terapia possibilita que se use a aprendizagem como

um todo, pois cada um de nós temos uma forma diferenciada de aprender, através de nossos sentidos, visíveis, os físicos, e dos invisíveis, nossos sentimentos, nossas idéias.. Nem todas as pessoas têm condição de aprender ouvindo. Outros, conseguem compreender melhor as situações, visualizando objetos. Outros ainda, precisam perceber claramente a relação com o tato, para poder executar as suas atividades no cotidiano. É uma confirmação do caminho proposto por Howard Gardner, o das múltiplas inteligências em sala de aula (REF), traçado aqui com o compasso da arte, ou seja, do coração. Esvaziando-se de tantos pré-conceitos para se escutar e olhar, e ao outro também

Relvas conclui que tanto no espaço pedagógico como no clínico, a Arte-Terapia é o caminho para se aprender. O que deságua na distinção entre *o fazer e o agir*, também demonstrada por José Luiz Mendes Ripper: o professor ressalta que o fazer pressupõe continuidade, é processo; enquanto que o agir, significa pontuação, ou seja, princípio, meio e fim. Também necessário porque nos leva a organizar decisões mas por si só, não efetua a contextualização tão necessária para a transdisciplinaridade cada vez mais requerida. Ripper indaga se um fazer incluiria inúmeros agires.

Marta diz que o agir é decisório, representando o lado esquerdo do cérebro, racional, necessário para escolhas na vida mas ela vê o caminho da Arte-Terapia que é o fazer, vai influenciar a tomada de decisões. Possibilita fluir a inteligência, todo o aspecto das sinapses neurais que se chama neuro-plasticidade cerebral. À medida que se constrói plasticidade, permite-se que o outro construa rotas alternativas de aprender.

O segmento *Neuro-Design*, integrando o *Design Social*, remete-nos à neuro-imagem: como nos percebemos e ao mundo que nos cerca, pelas (re)conexões sinápticas. É trazido o tema da subjetividade no contexto social, através da arte: ao se apresentar a psique do outro, pela arte, faz-se a representação do sujeito e incorre-se em toda uma questão afetiva / comportamental / social. É procurar ver o sujeito como um todo e não de modo fragmentado, sem fazer a relação das partes.

A própria treliça pantográfica demonstra essa realidade, o todo como processo da relação das várias partes, indicando o estado de equilíbrios estático e dinâmico, inerentes ao nosso organismo, provocando uma noção de pertencimento à Vida como um todo. Nossas próprias formações moleculares estão constantemente mudando de constituição e de localização em nosso corpo, repetindo o fenômeno do ciclo biológico. (Foto do col. Est. Ignácio A. Ana Carolina com a treliça) Esse pensamento é fundamentado também em Wilson Ribeiro:

(...) compreendemos que o corpo humano é uma extensão do cérebro, podendo-se tanto notar os efeitos psiconeurofisiológicos (PNF) quanto os fisioneuropsíquicos (FNP) (...) conseguiremos notar o material que o corpo envia à mente, com o qual o paciente revive emoções e pode até verbalizá-las ao analista (...). Rematerialização. É como uma lâmpada que se extingue e depois se reaviva ou um fruto que cai da árvore, por exemplo, uma laranja. A terra o reabsorve e uma partícula apenas faz brotar uma nova laranjeira, que dará laranjas semelhantes àquela que caiu no chão. Será semelhante e terá o mesmo sabor mas não será a mesma laranja e sim uma partícula da quela primeira, unida a outras infinitas partículas de outros tipos de manifestação da matéria. (...) somo o que fomos e seremos o que somos, sempre. (Ribeiro, 2002:11-12,13-14)

Entrevista Marcelo Antunes

Fisioterapeuta, psicopedagogo, professor (IAVM / UCAM)

(MA) Na perspectiva de Esquizo Análise, Felix-Guattari e Deleuze, segundo eles, o inconsciente não tem início, não tem fim. O inconsciente, nessa perspectiva, é uma rizoma, uma raiz botânica, que cresce por várias direções onde Deleuze e Guattari vão conceituá-los como linhas.

Linhas de desterritorialização reterritorialização e linha de fuga

Desterritorializar-se é estabelecer novos limites, com novas fronteiras. Uma copa de uma árvore possui vários galhos, em várias direções. O exemplo disso é o angue, não tem início, não tem fim; só tem meio.

Onde é o início do mangue, o fim do mangue? Onde nascem os caranguejos?

(Vi) E sobre o que você falou do pensamento simbólico que precisa estar impulsionado pelo desejo, sempre. Pensar o pensamento.

(MA) Essa é a dimensão da metacognição. É o que transcende o cognitivo. A transcendência do pensamento é a criatividade.

Relacionar à fala de Einstein, sobre criatividade, imaginação/conhecimento

É aquilo que se materializa no devir, no vir a ser. A forma precisa de nos surpreender. É na surpresa que se constrói a forma. Quanto menos desapegado ao controle do imaginário da Criação, certamente essa forma surpreenderá quem o faz.

Acho que a criatividade é isso.

(Vi) E a sua formação?

(MA) Marcelo Antunes, graduado em Fisioterapia com formação em psicopedagogia.

Nelsom José Veiga de Magalhães

Engenheiro, Mestre em Zan Zen, Professor (IAVM / UCAM, Univercidade)

O bambu tem fractal. Ele tem cristais, cada um diferente do outro. Mas quando você sai fora do contexto, vê-se a possibilidade de ver o fractal maior que é o Conjunto do Universo. É o infinito que no final é Deus.

(Vi) Você é Uno que no final é Deus.

(N) Exato. O conjunto máximo de fractais que se pode observar na natureza é o “Buraco Negro”, uma condensação máxima de energia. Quando essa condensação máxima chega ao máximo limite, ela se fractaliza! Explode. Ao explodir, cria fractais. Que são estrelas, nós. Mas quando ela chega à condensação máxima, é a energia que não é visível.

Ela é tão densa, tão densa, que você não vê.

É a mesma coisa que você receber um “flash”. Você recebe uma luz tão forte que você fica com um buraco à sua frente, negro. Aos poucos ele vai se desfractalizando e você vai percebendo a cena que está à sua frente.

A diferença dentro, que está fora das Regras do próprio Design, não é que esteja fora das próprias Regras do Design, é que você está construindo uma plasticidade de fractais.

A reunião desses fractais que seriam os vários

E portanto pode trazer a harmonia ao pensamento, fazer evoluir o pensamento. Favorece as relações, através da imaginação criadora. Sem a necessidade de leitura. Apenas pela forma, a forma “pura” ($\triangle, \square, \circ$) que traduz uma intenção de pensamento, “pensar o pensamento”. Que traduz uma intenção de figura e Fundo; de Forma.

Uma forma que prevalece no instante; mas que não se deixa fechar pelo controle e por isso vai poder se transformar em espiral para um próximo instante. Para uma próxima para um vir-a-ser, um dever. O design pode significar esse dever, “essa intenção de”, eu trouxe um design, eu trouxe “uma intenção de”.

Quando chegamos em casa cansados e admiramos uma flor, admiramos porque admiramos, só isso. Sua forma já traduz a Essência do Ser pro-verbal. Sem nenhum “porquê”, sem nenhuma intenção especial. Apenas, ela está ali se ofertando, com a sua beleza que nos reconforta. E nós não precisamos olhá-la e estabelecer que tenha essa ou aquela função. Assim é o Design. Não necessariamente precisa ter essa ou aquela função. Está nos comunicando uma harmonia, uma paz, uma beleza.

(N) A busca de reunião do Uno em qualquer tipo de interação, é a busca da reunião de fractais, ao encontro com a relação única, uma, do Universo.

O próprio Universo tem uma relação fractal com o Ser Humano, nós, como pessoa física, assim como nós, temos uma relação física com outro menor. O menor, que eu me refiro, é o grão de areia, o átomo, essa relação, em conjunto, é a reunião de fractais. Que fazem a própria divisão do Universo. Ela visto de fora, é como se fosse um bambu único! Quando se entra dentro dela é como se fosse um bambu fissurado, rachado; ele não tem aderência. Quando você olha, ele não.

(N) (...)e aí você me fez a seguinte pergunta: se alguém te perguntar se você não tem uma mesma relação dos desenhos.

(Vi) Com relação aos fractais?

(N) Sim. Ou seja, a união dos fractais é que possibilita uma plasticidade. Isolados os fractais não há plasticidade*, apenas são relacionais. Eles têm um caminho plástico. Fungos formam uma plástica. É o mesmo que se reunir um triângulo, um trapézio, outro triângulo disforme e ainda outro. Entre si não há uma relação plástica. Mas em conjunto, se tornam plásticos.

(Vi) Algumas formas à primeira vista podem parecer totalmente caóticas, mas ao se observar a interação elas são plásticas.

A que sinto poder surtir mais efeito é a que levaria à transcendência, não mais na linha de Metz... Apesar de que quando esse diz que “o deus está morto”, ele se refere ao seu ego.

(N) O seu ego morreu. Desde o momento em que N. não conseguiu transcender, conclui que não havia saída para si e cometeu o ato máximo, o suicídio, para tentar chegar àquilo que queria por outro meio.

(N) Uma pergunta para você: qual a sua questão?

(Vi) Talvez o assunto de uma entrevista a Ivan Coromandel, psicanalista e arte-terapeuta, responda. Perguntei a Ivan, qual a sua visão, como terapeuta sobre a experiência do numinoso ou relativo ao divino, sagrado como ponto de partida.

(Vi) Você mencionou algo muito interessante aqui, que é o meu deus: A filosofia. O Samadhi. Cheguei à conclusão que o fractal pode ser uma das formas que vão me ajudar a trabalhar com este Saimadhi a questão, antes de tudo, é uma atitude diante do Conhecimento. Ou seja, busco promover, resgatar a Filosofia dentro do nosso Ensino Básico. O religare. Que nos faz ir ao

O processo de cura. E não o foco da doença? Pode ser uma experiência de transparência, conforme Leonardo Boff, em conjunto com Jean Ives Seloup, reflete em sua obra “Terapeutas” do Deserto”, referindo-se à trajetória de Francisco de Assis, um pecador que não desistia de lutar.

Com pensamento extremamente ilógico ao incluir na Grande Natureza. Bom, Ivan respondeu: “Compreendes que no processo de cura, muitos paciente precisam da “muleta” do sagrado, mas o que ela possa representar em termos da própria linguagem do inconsciente. Os ritos ocultos, as curas xamânicas, o pensamento místico e mítico trazido do oriente precisava de uma nova leitura. Da mesma forma, o próprio Nietzsche(?) exigia uma releitura. A vontade da potência, a vontade do poder, a “morte de Deus; o eterno retorno não podem ou, ao menos, não devem ser lidos de forma dogmáticas. O “deus” que Nietzsche “matou” não há senão aquele amorfico, que impedia os homens de pensarem nas suas próprias forças (os forçaria a procurar o “Filho do Homem” fora deles e não neles? ??? artes)

Fala de um ideal ascético, que não condiz com o ser humano que pretende se apropriar de sua vontade de potência.

Esse ateísmo nada tem a ver com o ateísmo da negação total da existência de Deus.

(Vi) Ivan ressignifica esse pensamento de muitos, quanto a Nietzsche dizendo que não era isso o que ele pretendia mas apenas matar “algo” que se fechava em sua própria natureza humana, que não transcendia

Só que o detalhe que Nietzsche não conseguiu fazer a “união” de Einstein (aprofundar sua intuição, ficou só no pragmatismo, na reta, na inflexibilidade)

E é isso que acontece em nossa escola, em nosso ensino; ficamos só na reta Nietzscheana(?), no pragmatismo; que Nietzsche trouxe profundas contribuições como pensador, mas não conseguiu fazer a “curva”, então o que o Oriente vem nos propor é a Curva (flexibilidade) para que assumamos essa energia maior que eu chamo de deus.

E isso aqui ☯ é uma mandala que encerra dois fractais. Apenas são dois fractais desiguais na cor, no sentido do movimento, mas completam-se. Um é branco, outro negro. Formam uma pasticidade: bom(o complemento)/mau, dia/noite, sol/lua

O que traz uma reequilibração (reequilíbrio?).

Quando se fazem coisas malévolas, saído equilíbrio, vem para fora.

(Vi) Uma coisa que surgiu. Meu problema é facilitar esse pensamento filosófico, o ying-yang; existe uma quebra em nosso pensamento comum.

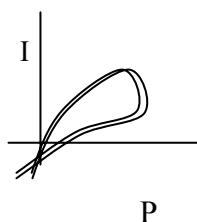
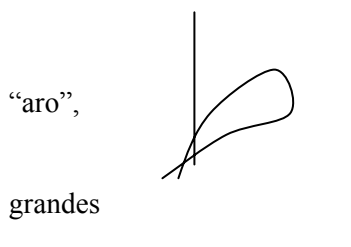
É como se o nosso corpo caloso que serve de “ponte” entre os hemisférios esquerdo e direito estivesse muito, muito reduzido.

A gente não consegue fazer, usualmente, a transferência do hemisfério esquerdo e direito, não consegue fazer a curva da transcendência.

Então, os nossos valores apreendidos no espaço escolar ainda é o da linha, ainda é o que levou Nietzsche ao suicídio. Que está nos levando ao suicídio: é o pragmatismo. Então nós precisamos desse reencantório, esse pensamento mítico que, segundo Jung, nos ajuda a transcender essa realidade.

Precisamos da forma sim, para fechar um determinado conteúdo, mas antes de chegar na forma, ou até em paralelo, precisamos deixar fluir a essência. Para que a forma e o conteúdo sejam consistentes.

Essa hipérbole é forma e essência



(pode se remeter ao

Aura de luz dos

santos e de Jesus,

Samadhi).

Pragmatismo e intuição. Isso (a hipérbole) é a forma, tanto que a sensibilidade está na hipófise (ver Seloup; cêr lado dir. e esq.)

Vai-se da intuição ao pragmatismo máximo. A hipótese e a ténora do lado superior do cérebro, ambos com Folha 10 um “furinho”, o “chacka”. Então, essas relações traduzem os chackas. Tem o chacka um e o nove passam por toda a relação.

Ilustrando a questão como peixe “Ictus”, trazemos a união entre a intuição e o pragmatismo, neste lado (ilustrar) uma determinada parte traz a “ruptura”. Por que trouxe a intuição máxima, não tem como voltar para lá, unir.

(Vi) Essa foi a minha primeira forma livre, construídas as partes da treliça pantográfica, uma forma aprendida com Ripper. Estava no galpão, trabalhando sozinha, olhando em volta, aquelas formas construídas com bambu, sentindo-me extremamente inquieta; Ripper e outro orientando, Petin, estavam conversando do outro lado. Senti-me (Folha 11) imersa num isolamento. E minhas mãos, movidas, creio eu, por uma consciência maior, trouxeram o Ictus. Quando fui mostrá-lo ao Ripper, ele não se sensibilizou com a forma. Mas, não desisti mesmo me sentindo solitária.

(N) Foi a união da casualidade com a intuição; o golfinho (espiral??); o próprio golfinho é o símbolo do “Ying-yang” em moto contínuo. Quando ele pula para fora d’água ele um círculo e mergulha.

(Vi) A proposta com material biológico, no caso, o bambu, é para fazer “pessoa?” nossa própria natureza com as flores também.

E o trabalho promovido com o bambu ajudam a resgatar a noção de formas medidas, da fase e movimentos (Folha 12) do concreto, permitindo a estruturalização.

É facilitar a abstração de uma forma figurativa e desenvolver o pensar e fazer do movimento abstrato.

(N) O bambu, no significado chinês, tem relação com a multiplicação de vida. Quando os chineses querem fazer elevação de água, eles o fazem por meio de canais de bambu, com aquelas rodas. Ao se fazer uma represa para plantar o arroz, fazem-na com bambu. Ao fazer uma cultura de ostras ou peixes, fazem um cercado de bambu.

(Vi) Podemos refletir também sobre a memória evocada pelo material bambu e as formas influentes.

(N) O código de barras surgiu de um (folha 13) bambuzal, dessa ordenação de fileiras, por um não ser igual ao outro. (ver imagens)

Isto é uma plasticidade intuitiva. Tiveram que voltar à racionalidade, transformaram isso em “zeros” e “uns”. Transformaram por cada faixa o zero em “um”, “dois”, “três”, “quatro”.

Ou seja, foram pela intuição e racionalidade para “ascender”. E a tal plasticidade fractal. Um não é igual ao outro. Mas o conjunto traz esta noção de plasticidade; única. A qual pode ser transformada numa racionalidade.

(Vi) Outra questão: essa hipérbole é uma das formas que gosto de fazer “intuitivamente”; devo significar “sem medidas”. Faço o “peixinho”. A própria hipérbole é significada (pág.14) na antiguidade como a “auréola dos santos”. É o ying yang (ver P. Yojananda). Foi uma intuição tal, foi Samadhi, que ele transcendeu a tal ponto de ficar com o círculo externo, só com a hipérbole.

Ele, o santo, não é mais um ser racional; é um ser “intuitivo” superior, ascendeu ao amor, Samadhi, representado pela hipérbole.

Então pode-se” relacionar esse caminho à proposta de fazer esse material plástico, como a atividade complementar pedagógica em matemática, implementada no Colégio Estadual I. A. A., trazendo a treliça pantográfica, a construção como ponto inicial para noção de contagem e os cálculos aritméticos de subtração, adição, multiplicação, divisão. A idéia é ao retrabalhar a treliça pantográfica, o cognitivo, construindo um quadrado se transforma em losangos, graças ao nó ômega, o qual não traciona os movimentos da estrutura, constrói-se um gabarito.

(N) O nó ômega, pela junção dos pontos, apresenta a forma fractal. É um nó maior, que vira um, que vira dois. Por exemplo, se fossem iguais o um que vira dois, que vira três, que vira quatro, a cinco, que vira seis. Você já leu o Tao Ti King? Nele, o um vira dois que vira três, que vira cem, que vira mil, que vira um milhão. É a seqüência da vida. Há um poema escrito por Lao Tse, no Tao Te King enfocando este tema.

É exatamente isso: a primeira relação com a segunda inversa, a terceira com a quarta e vai indo, vai indo, vai indo...

Daqui que nasce a teoria do universo Infinito.

(Vi) Quando fazemos isso com as mãos estamos enviando impulsos para o cérebro sentido de se promoverem novas sinapses. (Ver arquivo em Mãe)

A forma de grade, na treliça pantográfica, é a forma intuitiva, infinita. Porque o racional tem fim.

Quando toda a formatura quadrada está na racionalidade. Quando se passa? para o nó, já se continua com linha e se dá o nó no segundo, continuar com a linha e dá o nono segundo, os participantes equilibram o racional e o intuitivo. Se continuarem esse processo, entram (folha 17) na hipérbole. Podem até fechar o arco.

Tem uma forma (imagem com flores) usou-se o racional para crescer o intuitivo; a ponta década galho, livre de inclinação natural, cresce intuitivamente. Se a flor (ou galho do

bambu) tem uma parede aqui, ele vai começar a procurar o “sol” (a luz) para cá (o outro lado).

É o intuitivo que aponta. Portanto o ikebama (ou sho??ka) também trabalha o racional e o intuitivo.

(Vi) Estaríamos então promovendo o tempo todo, essa conversa entre o lado esquerdo e o lado direito do cérebro, exercitando o fluir das lateralidades. De modo lúdico.

(V) E também trabalhando o pré-verbal mesmo que se trabalhe a estruturação que vem do hemisfério esquerdo, nós estamos privilegiando o pré-verbal, o intuitivo.

(N) sim, o pré-verbal, o intuitivo. Algo para ser refletido na relação racional/intuitivo, pela ação da prefeitura, nas ruas, contrastando com a ação do Burle Marks, um paisagista intuitivo; a seu tempo, as árvores cresciam para onde queriam. A prefeitura mudou esse quadro: existe o poste, existe o fio e a árvore cresce para a mesma direção, a prefeitura tira todos os galhos, até acima do fio, permitindo o crescimento a partir daí. Agora, retira-se desse modo, a parte intuitiva da árvore, pois, quando ela cresce. Cria um equilíbrio em torno dela, de modo naturalmente plástico.

Quando retiram essa plasticidade, os galhos e flores, os pequenos fractais, ficaram não plásticos.

Então percebem-se árvores despidas de seus galhos por um dos lado e um dia vão cair como muitas já caíram.

(Vi) O eco-sistema é diretamente relacionado à intenção, inclusive.

(N) O Eco sistema em si, não é uma coisa do ser humano. O ser humano é que tende a direcioná-lo para si mesmo. O eco-sistema sempre existiu (folha 21) significa apenas a “não agressão”? Ponto. Quando você agredir, você agredir. Você sai do ying yang. Existe o positivo e o negativo, o “bom” e o “mau”, mas só que em equilíbrio. É uma relação constante. Ao acontecer a agressão, ocorre o ferimento e, portanto, a fratura. Não há outra ação que a restaure espontaneamente. As partes rompidas se unem novamente por diversas formas, como o entalamento.

Procura-se voltar à forma natural intuitiva apenas ela está fraturada. Ela está fora do “ying e do yang” desnaturalizou-se , quebrou-se. Precisa restaurar a maleabilidade, a flexibilidade.

(N) A questão da maleabilidade e flexibilidade também pode ser estudada através da pipa. Por exemplo, o Lao Tse soltava pipa. Quando ele queria acender a sua intuição (folha 22) pois ele relaxava. O que serve o vôo da pipa?

O percurso descrito por uma pipa presa por um longo fio, cuja ponta oposta está na mão de quem a lança ao ar, é visto como a catenária, parte de uma hipérbole. Significa o movimento racional, próprio do lado esquerdo do cérebro, alternando com o direito, representado pelo movimento intuitivo. Desse modo lúdico relaxante flutuam as relações entre os hemisférios esquerdo e direito por Lao Tse.

A música enquanto terapia, ela promove esse deslocamento das células, facilitando o movimento dos neurotransmissores que facilitam a dinâmica do pensamento abstrato. O som quando é organizado em nossa fala coloquial, flui num movimento mais linear.

Já o som numa música promovido pela voz ou por instrumentos, quebra essa linearidade, coloca os elementos num mosaico. Os mantras também descrevem esse percurso não linear. São terapêuticos.

(N) Sim, interrompe o fluxo estritamente racional, são terapêuticos. Existe toda uma relação espaço-temporal que nos faz entrar no “Samadhi” ou no Divino. Ascendemos mas depois, “pum!” caímos de volta em nosso cotidiano, nossa materialidade.

O tai-chi trabalha também com movimentos intuitivos e racionais. Ou seja, a relação entre os hemisférios esquerdo e direito é bastante ativada pelos movimentos inerentes ao tai-chi que são complementares.

Dá-se a plasticidade do movimento num mesmo movimento co-existem o ying e o yang. Por isso. Os fractais e a decorrente simbologia diferenciada num primeiro momento estão separados. Numa visão mais ampla, reúnem-se. E acontece uma plástica maior.

(Vi) Minha proposta nessa dissertação é o religare. O fractal pode ser um caminho, um instrumento que vai viabilizar esse religare.

(N) O seu tema então é p fractal no religare como busca maior. Como busca maior da plasticidade

(Vi) Sim, da plasticidade neural, da plasticidade das formas concretas, ao alcance de nossos sentidos físicos. Já que é a forma que nos permite caminhar para outro estágio da espiral do conhecimento.

Seria o substrato que une todas as coisas, na Arte, segundo a professora Vânia granja (REF), pois quando conseguimos “fechar” uma figura, det. composição mental ou material ganha sentido. Novas sinopses encontros entre neurônios são realizadas então.

Folha 26

(N) Essa pode ser a sua intenção de desdobramento num trabalho futuro.

(Vi) Meu segmento, o novo segmento que está surgindo no design é o Neuro-Design. Ou seja, busco tendenciar nossa plasticidade cerebral.

Sobretudo com o manuseio de materiais biológicos como o bambu e as flores que provocam uma ressonância de formas influentes em nosso próprio organismo.

Essa pesquisa é um recorte, um acréscimo ao Eco-Design, no sentido que você nos trouxe há pouco. Como configurar a nossa casa, enquanto morada espiritual, mental e física, sem violência? Sem agressão? O campo do Design Ambiental surgiu na década de 80 pp promovido por Victor Papanek, também arquiteto. Ele sugeria o uso de materiais reciclados biológicos numa contra-proposta ao excesso de detritos originados por uma industrialização maciça. Que estava já aniquilando o equilíbrio e o planeta. Então surgiu o Eco-Design.

Eu fui pela janela da educação para um futuro sustentável. Como os materiais alternativos sugerem a não poluição. A fim de motivar pessoas de todas as idades e escolaridades vão se aproximando da grande ??za e conhecendo a importância do não ferir o “material” que está fora de cada um de nós, para não nos ferirmos. Reconhecendo-nos como parte integrante de uma mesma teia de relações; “dentro” e não “fora” da mesma natureza biológica. Ir para*¹

A utilização de materiais biológicos como o bambu e as flores busca evocar a nossa própria natureza. Então, a pesquisa vem como uma contribuição para o Eco-Design, no sentido trazido por você, Nelson.

A não violência significa a identificação de nossa casa, Eco (em grego, referência). Ou seja, buscar contribuir para que o processo de educação faça florescer personalidades, ressaltando o potencial criador de cada um, busca desenvolver em cada pessoa o padrão mental da síntese, isto é, da apreensão da própria contribuição para a sociedade em geral, a partir de pequenos gestos. Que representam a manutenção da alegria, sinceridade e fluidez nos relacionamentos, como a própria natureza à nossa volta nos transmite, basta observá-la.

A partir do processo de respiração do mundo vegetal. O processo poderoso de síntese da própria vida que este reino, o mais coerente que poderia ser qualificado como o mais coerente no compromisso (trigueirinho) de manutenção do equilíbrio cósmico.

Portanto, observamos a interação espontânea do mundo vegetal com o todo meio que o cerca, a partir do exercício da respiração. Daí, vem a utilização de bambu, flores. Essa então é uma contribuição para o Eco-Design fazer com que crianças e adolescentes venham se ambientando com esses materiais biológicos reconhecendo-se enquanto parte integrante da natureza, contribuindo para um dos itens da agenda 21, que é “Educação para um futuro sustentável”.

Trata-se de uma iniciativa da Unesco e é um desdobramento da Eco-92.

Uma das professoras integradas do Labor, em atividade complementar pedagógica, bióloga, Sônia_____, refletiu como a Arte-terapia pode ser considerada como aplicação

da Agenda 21. Ela diz que pode ser vista como tal desde que sejam utilizados materiais compostos de elementos naturais. Transforma-se em uma ferramenta útil para a sensibilização de temas e questões ligadas ao meio ambiente.

Aos profissionais da área do ensino formal e não formal, em qualquer nível ou disciplina de atuação. Pois a abordagem ambientalista é responsabilidade de todo o corpo docente, nas escolas dos três níveis.

Sônia levanta esse aspecto de se trabalhar apenas com elementos orgânicos para se inserir numa abordagem ambientalista numa atividade Arte-terapêutica.

Eu penso que se usarmos os elementos inorgânicos, sintéticos, estaremos também promovendo essa consciência, também estaremos trabalhando nossa ecologia mental. O nosso equilíbrio interno acontece através das formas influentes, de estruturas desenvolvidas no espaço arte-terapêutico, ou seja, a Arte reestrutura nosso pensamento e nós reorganizamos nossas atividades na vida. Vamos reorganizar o que está à nossa volta.

(N) Você é de opinião pesquisadora tua mesmo que os próprios materiais inorgânicos, os que são retrabalhados industrialmente ou não eles podem ser usados como instrumento de equilíbrio dependendo da atuação a que aquele material se propõe.

(V) Exatamente, estamos falando de memória colocada pelos materiais, por sua composição física. Se algo for mais fluido, ou facilitar uma determinada sensação da expressão dos sentimentos. Sendo algo mais rígido, já vai promover um “desígnio”, uma organização de idéias e sentimentos.

(N) A Sônia estava colocando que apenas os orgânicos possibilitam isso...

(V) Sim, a visão de Sônia é essa: que para a Arte-terapia promover o resgate de nossa consciência ecológica, teríamos de trabalhar apenas uns materiais orgânicos. Mas o lixo da pesquisa presente se promove pela memória evocada pelos materiais combinada com as formas influentes.

(N) Então podemos contrabalançar as duas utilizações.

(V) Sim; damos uma ênfase inicial do orgânico para se remeter imediatamente à questão de nosso pertencimento na Natureza, e depois, combinando com os outros inorgânicos.

Há outra bióloga entrevistada, Jeanne Savalle e ele considera que nas suas origens, as ciências eram unificadas, integradas, como deve ser. Na antiguidade, grandes artistas eram também cientistas, pois sabiam unir esses dois ramos da atividade humana e não

muito além disso, com conhecimentos profundos da essência da Vida, de um modo geral também.

Houve no decorrer do tempo, um excesso de especialização com a intenção de aprofundamento, mas ficando esquecido o todo, a integração de todo o ser, como se cada parte somada formasse o todo.

Hoje, lhe parece, que voltando às origens, no bom sentido, as ciências estão se encontrando novamente, formando novas parcerias. A Biologia, felizmente, também está neste caminho, através da Bioquímica, a Biofísica, a Engenharia do Ambiente, etc., O papel atual de Biologia deve ser o de todas as ciências; integrar com todos os ramos da atividade do homem para se chegar à essência da vida. E só assim poderemos melhorar a qualidade da vida integral, matéria/espírito. Só assim compreenderemos o papel da ciência que não é interferir na evolução dos seres. E sem perceber o equilíbrio natural daquele ser que está à nossa frente e não tentar modificá-lo, deixá-lo florescer.

Será como cuidar de flores: elas têm o seu caminho natural, mesmo quando levadas para um arranjo artificial; não adianta tentar modificar-lhes sua inclinação. Elas voltam ao caimento e sentido que lhes é próprio.

É preciso então colaborar para que todos os indivíduos floresçam naturalmente, respeitando as leis naturais. Não se restringindo (pág.38) à visão de um sistema que só se importa com a produtividade. Atingir determinadas metas pré-estabelecidas, padrões rígidos, ignorando o que está em potencial nos seres.

E o que Mokiti Okada, um filósofo japonês propõe na sua filosofia, que ele chama da Salvação: que nós antes de propor qualquer atitude nas relações humanas, se observe as Leis da Grande natureza, como para se provocar essa ressonância em nosso próprio organismo. Já que a natureza conteria todo um equilíbrio cósmico. E, sobretudo, o reino Vegetal é o mais comprometido com a evolução do Planeta.

E nos dá a lição de abrigar todas as diferenças que reunidas, não significam desequilíbrio. Ao contrário, o fractal na Natureza apronta num conjunto, para uma harmonia no todo.

(N) Qual a relação causal que você vê com Deus? Pela parábola.

(V) Todas. Deus, para mim é a origem e o fim. Ele provoca esse convívio, essa necessidade do convívio de todos e a cada um de nós, respeitando a busca de equilíbrio, harmonia, ou seja, da Verdade (o Caminho), do Bem (a Ação) e do Belo (o Sentimento), por assim vistos por uma Janela oriental, trazida por Mokiti Okada, filósofo japonês que também continuou o caminho aberto, por Cristo Jesus que está presente para mim em todas as tradições, ainda que Seu nome não seja mencionado.

Representam a Espiritualidade Essencial. E a energia cósmica que sustenta nosso esqueleto, que o move, que lhe dá vida. Que dá vida à nossa carne, já destinada a se tornar pó desde o momento em que foi concebida...

“...Tu és pó e...(E pó das estrelas!!!)

O sopro divino a recupera...

(ver distinção entre Pneuma-Espírito, Alma-Nous Selop e espírito, Almac e Corpo – Andrison)

Viviane, uma jovem de seus vinte anos, cristã, participante do ministério “Sementes do Amanhã” (Botafogo/Barra – Rio-RJ, coordenada por Anderson... e Sandra...) trouxe essa reflexão em uma das reuniões do grupo, da qual sou membro.

Então, por exemplo, o cristianismo....como vê o mundo?...Como eu vejo o mundo, já que me percebo cristã adepta de um movimento oriental, o do Johrei, revelado por Mokiti Okada a esse pela prática do Johrei com a sua filosofia, arte e ciência.

O cristianismo promove esta grande onda da instituição, que seria a função psíquica principal de Einstein, de uma forma a princípio, linear, pelo uso da palavra enquanto razão, lógica mas o movimento vai para a onda que representa a instituição, quando está na parábola, incentivando o pensamento mítico (trazer recorte do livro: “Convite à Filosofia”) quando o pastor, ou padre, enfim, o representante de determinada instituição cristã começa a interpretar o texto, aí ele nos “puxa” da onda e nos leva para o (pensamento) racional.

(N) Qual a relação causal do seu trabalho com Deus?

(Vi) Vem muito através da parábola, parte integrante do movimento de contação de histórias. Como uma representação da força interna???? Pois através de intuição trabalhada pela meditação, encontro paz interior que para mim significa ??? com deus. A inovação xxx dinâmica, também emerge no trabalho corporal, representado pelo tai-chi-???, respiração com exercícios de alongamento; pelos ??? de ???

Também quando a meditação é ??? na contemplação dos trabalhos de artes (???) Aí, a função intuição se encarrega de me trazer o mapeamento do que devo trabalhar ??? pragmaticamente.

Com ??? e internet. Para chegar a um reequilíbrio e livre restauração psicofísica.

É como se a partir de uma determinada janela, de um fragmento, focássemos um todo mas sabendo que devemos mudar sempre o nosso ponto de vista, para compreender melhor uma situação. Ou seja, grau um mesmo objeto por vários pontos de vista geral.

(N) A relação casual com teu trabalho você se vê com Deus?

E a parábola. É o princípio e o fim. *Quando o pastor. O padre, enfim o representante da instituição cristã começa a interpretar, ele puxa da “onda” e vai para o racional.

*Possibilitando o convívio a todos e fazendo com que todos os seres busquem de forma caótica, esse convívio. Do caos, vai surgindo lentamente uma ordenação. E pelo que eu entendo do apocalipse, por todas as versões que eu já li, vi, ouvi, e o fim do começo.

(N) O que a física quântica diz sobre isso? O buraco negro e máxima condensação de energia. É o começo do filme o fim do começo. Ou seja, é a relação fractal máxima que você pode ter em um ponto.

(V) Porque os cristãos acreditaram que só quem é adepto a Jesus vai sobreviver?

(N) Porque eles têm uma racionalidade causal. Eles não estão numa racionalidade intuitiva.

A Bíblia seria uma relação física reacional. Explica o que a intuição divina visualiza. É o tal de Einstein. Ele visualizou e depois e depois foi preciso registrar tudo na “Bíblia” só que como dizia Descartes: “quando você começa a explicar a sua idéia, você perde a essência da idéia? Porque nem tudo está explicado ali e nem consegue se explicitar. Então se perde a capacidade intuitiva”.

Marisa Araújo

Psicóloga, arteterapeuta e coordenadora OCA/APAE

Marise coordenou um visita de um grupo de jovens da APAE Tijuca rio ao Instituto Parque Instituto Parque do Jardim Botânico, em Junho de 2005. Segue reflexão sobre as atividades desenvolvidas com bambu, pintura e relaxamento psicofísico no Parque.

(M) Eu não estava presente quando você colocou para o grupo como seriam as atividades. Mas você depois o esclareceu, o objetivo, o que seria trabalhado. E o que eu fui achando interessante é que trabalhar com relações lógicas, matemática é trabalhar exatamente com a dificuldade do deficiente mental. Pois ele não tem essa construção completa de inteligência. A dificuldade é de construir, quando se chega ao nível da abstração. Trabalham muito com o concreto. Com as construções concretas.

(Vi) Ou seja, sua função principal. é a sensação, o sensorial, o sensível.

(M) Existe a dificuldade da sensibilidade. Com a conservação. Por exemplo, uma criança só faz uma seqüência quando se ela já tem a conservação. Essa categoria de pensamento o que para eles ainda é muito difícil. Dentro da minha experiência com o excepcional, observo também o seguinte: que eles dificilmente se paralisam diante da dificuldade; eles conseguem até transformar. No primeiro momento de observação podemos até pensar que

não estão sendo criativos, mas são extremamente criativos. A criatividade está em todos nós...

Independe das construção da inteligência estar completa, ou não.

(Vi) Quais as relações que você fez o mundo perdeu a visão, a percepção da realidade estabelecida num nível HORIZONTAL, sensória, factual e concreto, sem profundidade, no qual as causas dos fenômenos são sempre atribuídas ao externo, ao outro. E, assim, o indivíduo se aliena de qualquer responsabilidade com a sua própria transformação. Com a psicanálise, o homem adquiriu a possibilidade da compressão VERTICAL do mundo, PROFUNDA, SIMBÓLICA e INTERIOR

Entre as atividades de relaxamento psicofísico e as formas feitas com bambus. Foi uma surpresa?

(M) Assim, realmente eu não sabia como seria feito. De fato foi uma proposta muito interessante, eles trabalharem com o bambu, o barro, as tintas. Acho que também foi uma surpresa para eles e um desafio, no sentido de algo foi inusitado para eles.

(Vi) E elas cumpriram?

(M) Acue sim, que conseguiram transformar. Achei muito interessante quando descobriam o movimento, começaram a brincar com isso com as varetas, os nós; acho que se tivéssemos mais tempo, eles teriam até construído outras formas, dado a continuidade àquele trabalho. Dando uma outra estrutura.

(Vi) Formas seqüenciais?

(M) É possível, ao longo de um tempo. É algo de que eles têm déficit. E se é dado a eles, é importante. Não acredito que pelo fato de existir déficit, há que se ter um preconceito, muito pelo contrário! Quanto mais você alimenta uma função em baixa, o sujeito consegue construir melhor, gradativamente. Só que no momento, num evento algo pontual, é mais difícil de se conseguir isso. Mas essa é a proposta de trabalho: a gente estar sempre estimulando, para que haja desenvolvimento.

Para mim, é o ser humano, enquanto há vida, há crescimento, há evolução.

(V) Então, será válido continuar a construção da forma treliça, em domingos subseqüentes?

(M) Seria, desde que a gente começasse do ponto em que ele está fazendo descobertas. Se for de um ponto muito acima, ficaria mais difícil, mas aí a gente auxilia nessa construção.

(Vi) Agora, por exemplo, eles fizeram formas livres, com varetas, para fazer forma direta eles recorreriam a essa forma livre, já conhecida, para ir a uma desconhecida. Como seria?

(M) Quando você colocou, por exemplo, das um nó com espaço de 5 em 5 cm; então, se eles não têm essa noção de medida, deveria ser usado um padrão feito com uma vareta feito com uma vareta de 5 cm; são os instrumentos que estávamos lhe dando para superarem suas dificuldades.

Co algo concreto. Buscar o nível de compreensão da pessoa e lhe dar algo nesse nível. Daí ele vai não existe a dificuldade de criar.

(V) E você acha que seria necessário de uma próxima vez, apresentar-lhes as formas que eles mesmos construíram para dar início a treliça ou eles podem ir direto para a treliça, a forma mais seqüencial?

(M) Acho que não seria necessário mostrar o que já foi feito, em termos da evolução do trabalho. Mas em termos terapêuticos, de trazer novamente, o que foi feito, cresce a auto-estima: expor o que foi feito, isso foi importante. Recordar aquela atividade. Enriquecedor, não necessário.

(V) A nível afetivo

(M) Exatamente

(Vi) Facilita o cognitivo

(M) Sim, pois o sujeito estaria sendo melhor aceito.

(Vi) Já fiz isso, a partir disso, posso realizar mais.

(M) Sim

(Vi) O que você está achando agora, do momento da pintura? Eles fizeram as formas com o bambu. Como você relaciona os dois momentos, através do sentido das linhas, das cores?

(M) Não observei esses dois elementos mas o que ficou para mim, com essa atividade de pintura, finalizando nosso evento, nessa manhã; é ser uma conclusão muito importante. A atividade plástica é muito comum para eles a dominam, e aí depois de terem estado num local novo, numa atividade nova, com pessoas novas, com uma situação, portanto, difícil, esse outro movimento foi extremamente relaxante; e trouxe um momento agradável, eles vão embora com essa sensação agradável e uma liberdade de criação e expressão muito grande.

(Vi) Obrigada por tudo. Você pode, por favor, dar o seu nome completo e formação?

(M) Marisa Coelho Martins de Araújo. Sou psicóloga, psicopedagoga, arte-terapeuta e especialista em educação especial; trabalho na APAE já há vinte anos, instituição relacionada à deficiência mental, e há cerca de dez anos coordeno a OCA, Oficina de Criatividade. É um projeto criada para essa equipe atual na OCA e a proposta é se

trabalhar com deficiente mental adulto. Nossa grande proposta é que as capacidades do deficiente mental, que geralmente são deixadas de lado, sejam acesas.

(Vi) Qual a média de idade deles?

(M) Na OCA, entram a partir de 18 anos. Aqui, a média de idade é de 30 anos. A OCA é uma oficina de criatividade da APAE-Rio. Essa proposta vem de uma filosofia de Alemanha, de um trabalho de Artes, com conteúdo terapêutico. Temos convênio com eles. A proposta é expressão plástica com fins terapêuticos. Temos a colaboração de voluntários que são artistas plásticos.

Sua estrutura cognitiva, estimulada através da criatividade nos impressiona muito. Vão muito além do que os nossos próprios esforços favoreceram.

(Vi) O cognitivo acaba sendo facilitado por vias informais.

(M) Com certeza.



PUC LILD realizado pela equipe do prof. Ripper 2005 estrutura geodésico em bambu e corda

